

Violência sexual e doméstica preocupam às autoridades

Notícias, Inhambane em foco, 14.12.2021, Pág. 28, Ed. nº 31.481

PERTO de 260 raparigas, na sua maioria menores de 18 anos de idade, constam das estatísticas sobre violência sexual e doméstica nos últimos três anos na província Inhambane. Deste número, 141 foram vítimas de violência sexual e as restantes doméstica. Os dados foram partilhados semana passada pela secretária do Estado na província de Inhambane, Ludmila Maguni, no quarto fórum provincial sobre a matéria, que tinha em vista a consciencialização e divulgação de vários instrumentos de prevenção e combate à violência baseada no género, inseridos nos 16 dias de activismo social contra este mal.

O relatório da ONU Mulheres em Moçambique refere que no país uma em cada três mulheres sofre anualmente violência baseada no género e apenas

10 por cento é que denunciavam às autoridades.

Falando na abertura do quarto fórum provincial sobre a matéria, Ludmila Maguni fez saber que de 2018 a 2021 mais de 10.759 mulheres e raparigas menores de 18 anos beneficiaram de assistência nos centros de atendimento integrado nos distritos de Inhambane, Maxixe, Zavala, Vilankulo e Jangamo.

Para além de violência sexual e doméstica, 33 raparigas foram submetidas a uniões forçadas, violando-se o seu direito de liberdade sexual.

De Janeiro a Setembro foram identificadas 34 raparigas envolvidas em uniões prematuras, das quais 31 ramificadas em famílias biológicas e três integradas em famílias substitutas.

Para garantir o acesso ao subsistema do ensino técnico-profissional, segundo Maguni, cerca de 1648 raparigas num universo de 3131, foram submetidas à formação vocacional com vista a garantir a geração de renda.

Foram realizadas no período em alusão cerca de 60 palestras, 44 debates radiofónicos e dois televisivos sobre a protecção e promoção dos direitos da criança, uniões prematuras e abuso sexual.

Para Maguni, apesar de se registar um crescimento considerável no que refere a denúncias das vítimas de violência baseada no género, é necessário empreender mais acções de modo acabar com este fenómeno que reduz o auto-estima da mulher e da rapariga.